

ENSAIO
(REEDIÇÃO)

RUMO A UMA DEFINIÇÃO DE JORNALISMO LITERÁRIO INTERNACIONAL¹

JOHN S. BAK

Université de Lorraine, Nancy - Meurthe-et-Moselle, França

ORCID: 0000-0001-5799-8973

DOI: <http://dx.doi.org/10.25200/BJR.v13n3.2017.1007>

RESUMO - No final do século XIX, vários países estavam desenvolvendo tradições jornalísticas ao que identificamos atualmente como Jornalismo Literário ou reportagem literária. Contudo, ao longo da maior parte do século XX, e particularmente após a Primeira Guerra Mundial, essa tradição foi ofuscada e até mesmo marginalizada pela percepção geral entre os estados democráticos de que o jornalismo deveria ser ou “objetivo”, como na tradição estadunidense, ou “polêmico”, como na tradição europeia. No entanto, o Jornalismo Literário iria sobreviver e, às vezes, até mesmo prosperar. Como e por que é uma narrativa única para cada nação. Almejamos nesse ensaio, que se trata da introdução revista e atualizada publicada no livro *Literary Journalism across the Globe: journalistic traditions and transnational influences*, coeditado com Bill Reynolds (Amherst and Boston: University of Massachusetts Press, 2011), avaliar até que ponto o Jornalismo Literário, ao longo do século passado, influenciou as reportagens em várias nações – algumas das quais só conheceram a democracia recentemente, enquanto outras ainda estão parcial ou totalmente sob controle estatal – e como ele poderia moldar a heurística jornalística e a estética literária no século XXI.

Palavras-chave: Jornalismo. Jornalismo Literário internacional. Reportagem. Verdade versus fato. Imprensa democrática.

HACIA UNA DEFINICIÓN DE PERIODISMO LITERARIO INTERNACIONAL

RESUMEN - A finales del siglo XIX, en diversos países se estaba desarrollando en sus tradiciones periodísticas un fenómeno similar a lo que hoy conocemos como periodismo literario o reportaje literario. Sin embargo, durante la mayor parte del siglo XX, y en particular después de la Primera Guerra Mundial, esa tradición fue eclipsada e incluso marginada por la percepción general entre los estados democráticos de que el periodismo debía ser “objetivo,” como en la tradición americana, o polémico, como en la europea. Sin embargo, el periodismo literario sobrevivió y con el tiempo incluso prosperó. El cómo y el por qué es un caso único de cada nación. En este ensayo, que se trata de la introducción revisada y actualizada publicada en el libro *Literary Journalism across the Globe: journalistic traditions and transnational influences*, coeditado con Bill Reynolds (Amherst and Boston: University of Massachusetts Press, 2011), es el de evaluar hasta qué punto el periodismo literario durante el siglo pasado ha influido reportando

lo que ocurría en diversos países – algunos de los cuales han conocido recientemente la democracia, mientras que otros están bajo el control total o parcial del estado – y cómo ha podido dar forma a la heurística periodística y la estética literaria en el siglo XXI.

Palabras clave: Periodismo. Periodismo Literario internacional. Reportaje. Verdad frente a hechos. Prensa democrática.

TOWARD A DEFINITION OF INTERNATIONAL LITERARY JOURNALISM

ABSTRACT – At the end of the nineteenth century, several countries were developing journalistic traditions similar to what we identify today as literary journalism or literary reportage. Throughout most of the twentieth century, however, and in particular after World War I, that tradition was overshadowed and even marginalized by the general perception among democratic states that journalism ought to be either “objective,” as in the American tradition, or “polemical,” as in the European one. Nonetheless, literary journalism would survive and at times even thrive. How and why is a story unique to each nation. The aim of this essay, which is the revised and updated introduction published in the book *Literary Journalism across the Globe: journalistic traditions and transnational influences*, co-edited with Bill Reynolds (Amherst and Boston: University of Massachusetts Press, 2011), is to assess the extent to which literary journalism over the past century has influenced reporting in various nations – some of which have only recently known democracy, while others are still under full or partial state control – and how it might shape journalistic heuristics and literary aesthetics in the twenty-first century.

Key words: Journalism. International Literary Journalism. Reportage. Truth vs. fact. The democratic press.

No final do século XIX, vários países estavam desenvolvendo tradições jornalísticas que identificamos atualmente como Jornalismo Literário ou reportagem literária. Contudo, ao longo da maior parte do século XX, e particularmente após a Primeira Guerra Mundial, essa tradição foi ofuscada e até mesmo marginalizada pela percepção geral entre os estados democráticos de que o jornalismo deveria ser ou “objetivo”, como na tradição estadunidense, ou “polêmico”, como na tradição europeia. No entanto, o Jornalismo Literário iria sobreviver e, às vezes, até mesmo prosperar. Como e por que é uma narrativa única para cada nação.

Enquanto muitos estudantes, acadêmicos e praticantes do Jornalismo Literário têm reconhecido há muito tempo as raízes anglo-americanas dessa forma de narrativa, este ensaio tem uma abordagem mais ampla para examinar as maneiras com que o Jornalismo Literário tem sido praticado e lido no mundo. Da China ao Brasil, da Escócia à Austrália e da Finlândia à Nova Zelândia, o Jornalismo Literário internacional se estabeleceu como uma das mais significativas e controversas formas de escrita do último século – significativa porque frequentemente aumenta nossa consciência sociopolítica sobre as pessoas que são privadas de seus direitos e

desprivilegiadas; e controversa porque sua ênfase na voz autoral compromete nossa fé em sua afirmação de credibilidade. Contudo, na era das notícias eletrônicas, quando preocupações sobre contagem de palavras ou extensão das matérias quase se tornaram coisas do passado, o Jornalismo Literário parece pronto a revolucionar nossa maneira de ler e apreciar a literatura. Almejamos neste ensaio avaliar até que ponto o Jornalismo Literário, ao longo do século passado, influenciou as reportagens em várias nações – algumas das quais só conheceram a democracia recentemente, enquanto outras ainda estão sob controle estatal, parcial ou total – e como ele poderia moldar a heurística jornalística e a estética literária no século XXI.

Vários ensaios deste livro (ver nota 1) proclamam que, entre as muitas nações, atualmente o Jornalismo Literário tem se provado uma voz responsável e respeitável na mídia impressa, voz que luta diariamente com o problema de preservar leitores. E se acadêmicos da mídia internacional descobrem essas nações optando mais pelas narrativas de Jornalismo Literário para atrair leitores – peças narrativas que recontam as notícias factuais diárias de maneiras dramáticas ou emotivas –, a estética literária também está redescobrando a poderosa e tipicamente negligenciada forma do Jornalismo Literário, que conquistou seu lugar entre a literatura tradicional dessas diferentes localidades. Em resumo, existe um rico contingente internacional de Jornalismo Literário, além de acadêmicos de Jornalismo Literário, e este livro os reúne pela primeira vez sob uma mesma capa.

Dezesseis ensaios dos principais acadêmicos mundiais de Jornalismo Literário foram reunidos aqui para exibir como essa forma tem sido vista, lida, escrita e estudada através do mundo. Lembrando que nem todas as nações são similares em suas tradições jornalísticas, então nós não podemos esperar que seus Jornalismo Literários sejam igualmente precisos. Este livro oferece um olhar sobre como e onde essa forma jornalística varia (ou não), quer seja escrito em inglês, francês, português, espanhol, esloveno, finlandês, holandês, alemão, polonês, russo ou mandarim. Esses ensaios, divididos em três partes cujos tópicos se estendem entre taxonômicos, históricos e críticos, fornecem tanto uma janela para o passado quanto uma lupa para o futuro da mídia impressa nas Américas, Europa, Austrália e Ásia.² Eles reexaminam as raízes históricas do Jornalismo Literário na Inglaterra e nos Estados Unidos, sobretudo por meio de perspectivas transnacionais de como os escritores em ambas as nações – homens e mulheres – têm influenciado jornalistas no exterior ou foram eles mesmo influenciados. Também observam o papel que o

Jornalismo Literário tem desempenhado na construção da nacionalidade ou no estabelecimento de um cânone nacional. Acima de tudo, revelam como o Jornalismo Literário, não importa em qual linguagem apareça, se manteve leal ao seu comprometimento de informar o mundo precisa e honestamente sobre o mágico no mundano, o grandioso no pequeno, e, acima de tudo, o *nós* no *eles*.

1 *E Pluribus Veritas – As Muitas Verdades*

O Jornalismo Literário tem uma longa e complexa história internacional, construída pela combinação de tradições jornalísticas e influências transnacionais. Recuperar essas duas dimensões do Jornalismo Literário da maneira como é praticado no mundo é complicado por vários fatores que necessitam de esclarecimento. Esses obstáculos sugerem que estudiosos do Jornalismo Literário internacional adotem uma visão fenomenológica dessa forma. A aceitação do Jornalismo Literário como forma global legítima não é o suficiente; nós também precisamos exercitar uma sensibilidade intercultural para acompanhar nossa consciência interdisciplinar.

Exemplos de um *New Journalism* ou *Novo Jornalismo* de estilo estadunidense podem ser encontrados em jornais e revistas mundo afora – e as razões para essa imitação são difíceis de serem isoladas. Dada a vasta diferença entre continentes e países, seja nas suas histórias, sociedades ou culturas, como poderíamos esperar que aquilo que é julgado como Jornalismo Literário, digamos, no Japão, poderia ser similar, muito menos idêntico, ao que é produzido na Argentina?³ Consequentemente, as permutações que o Jornalismo Literário internacional tem sofrido no decorrer do século passado foram exponenciais. Duas guerras mundiais criaram ambientes inteiramente inóspitos para que essa forma se desenvolvesse no Leste europeu, como ocorreu no Oeste. Enquanto é verdade, por exemplo, que o final do século XIX testemunhou o nascimento quase simultâneo de um Jornalismo Literário anglo-americano e da reportagem literária europeia — cujas similaridades e diferenças esse livro tenta dar conta — reivindicações de uma ancestralidade compartilhada são prontamente contrariadas pelas diferenças nítidas entre as duas formas, conforme se desenvolveram em resposta às duas guerras. Jornalismo Literário, então, é e *não é* reportagem literária. Enfatizar suas diferenças é elementar; reivindicar seu passado compartilhado, contudo, é muito mais desafiador. Esse livro é uma resposta a esse desafio.

Com base nos poucos esforços que têm promovido o Jornalismo Literário internacional,⁴ esse livro tenta definir a forma por meio de uma celebração de suas raízes ancestrais. Tal tarefa permanece como a missão da Associação Internacional para os Estudos de Jornalismo Literário (IALJS) desde seu começo, em julho de 2006, seguido por seu primeiro congresso anual na cidade de Nancy, no leste da França. Desde então, a IALJS tem promovido a definição de Jornalismo Literário internacional de jornalismo *como* literatura, oposta ao jornalismo *sobre* literatura. Esse livro mantém essa distinção, mas também reconhece suas limitações num contexto global.

O que acontece, por exemplo, quando o que constitui “literatura” e “jornalismo” varia de uma nação para a outra, ou quando o que passa por “verdade” na imprensa mundial desmente um entendimento universal, além da práxis? Gostos nacionais na literatura podem borrar a divisão fato-ficção tanto que o Jornalismo Literário tem sido comprimido pela ficção fatográfica, um ponto que Maria Lassila-Merisalo fez em seu ensaio sobre o Jornalismo Literário finlandês; ou, inversamente, ele tem outorgado um status preferencial sobre a ficção porque ele captura melhor a realidade, que é o que Peiqin Chen explica em seu ensaio sobre a reportagem literária chinesa. Mesmo em termos de práticas jornalísticas, enquanto a estrutura de notícias da pirâmide invertida tem se mantido nos jornais da maior parte dos países democráticos desde as primeiras décadas do século XX, não são todas as nações que preencheram essa pirâmide com a mesma heurística e o mesmo grau de precisão. Consequentemente, o jornalismo não é nem pensado nem valorizado igualmente mundo afora, e as ramificações desse truísmo reverberam amplamente na produção de Jornalismo Literário. Sem um entendimento comparável de literatura e um respeito mútuo pelos objetivos e pelas éticas de um jornalismo responsável, como poderíamos algum dia esperar ter um “Jornalismo Literário” numa escala internacional? Essa questão repousa no coração de cada ensaio nesse livro.

Literaturas comparadas e jornalismo comparados são ainda mais complicados por um problema ainda mais simples: se pesquisarmos a mídia mundial, o padrão jornalístico da verdade que encontramos repetidamente é baseado mais na pirita de ferro do que no ouro. Fatos e verdades são os luxos das democracias, ou assim fomos levados a crer. Mas há tantas mentiras, intencionais ou arbitradas por meio de alinhamentos políticos, impressas na imprensa livre, assim como há verdades, algumas até disfarçadas, na imprensa censurada. Nas introduções de vários livros sobre Jornalismo Literário estadunidense,

publicados nas últimas duas décadas ou mais, reina uma incredulidade pós-moderna em relação à realidade objetiva. Thomas B. Connery (1992) refere-se a ela como “padrões de realidade”; John C. Hartsock (2000, pp. 15-17), “nosso mundo fenomenal”; Norman Sims (2007, pp. 11-12, pp. 14-18), “triangul[ação]” factual; Barbara Lounsberry (1990, p. XVI), “temas” da literatura; Edd Applegate (1996, pp. XV-XVI), “o cerne do jornalismo tradicional”; e Richard Keeble (2007), uma “retórica da factualidade”.

Mesmo antes do pós-modernismo começar a desafiar as metanarrativas e seus questionáveis valores de verdade, reivindicações de objetividade incomodavam muitos. Como Hartsock assinala em seu ensaio para esse livro, a Rússia pós-revolucionária considerava a realidade objetiva produto do pensamento burguês, fabricado para dar às massas uma aparência de verdade e, portanto, a ilusão de liberdade. Apesar de ser um argumento conveniente para justificar o controle a punho de ferro das agências de notícias bolchevistas pela Cheka,⁵ suas implicações teóricas tiveram apelo ao Partido Comunista estadunidense nos anos 1930 e tiveram efeito retumbante na evolução da forma como o JL foi desenvolvido em cada localidade.⁶ Os companheiros de viagem de Joseph North tiveram suas vozes feitas em pedaços em *The New Masses* ou *The Anvil* e os “relatórios tridimensionais” tinham recebido o sabor leninista que estava faltando no jornalismo sensacionalista e no jornalismo *muckraking*⁷ de décadas anteriores (North, 1935, p. 121). No que provou ser uma de suas mais significativas, embora de maneira alguma a primeira, mutações transnacionais, o Jornalismo Literário se fundiu temporariamente com a reportagem literária. Mas uma Segunda Guerra Mundial logo dividiu o mundo e a plutocracia americana desnudou a reportagem literária de sua pauta marxista. O Jornalismo Literário continuaria a lutar contra a realidade objetiva, mas agora sem as ideologias políticas de seu irmão europeu, que em breve migraria para o leste da China, como Chen explica em seu ensaio. Como as duas ideologias se enfrentaram por quase meio século para o controle sobre os hemisférios, seus jornalismo literários também concorreriam para o reconhecimento internacional.

O problema de determinar quem respeita a verdade, portanto, não é tão simples como descartar o jornalismo estatal por manipular fatos ou fabricar verdades em favor da cruzada da imprensa democrática para a transparência jornalística mundial. Certamente as perguntas sobre quem decide *o que* é a verdade e *como* será relatada têm preocupado por muito tempo os estudiosos do jornalismo e dividir o mundo entre

verdades democráticas e meias-verdades autocráticas serve pouco em nosso desejo de definir um Jornalismo Literário internacional. Sim, a liberdade de imprensa é importante, mas não é apenas um cenário “nós e eles”, uma dialética ocidental versus oriental. Mesmo em fortalezas democráticas como a Austrália e a França, onde escrevo estas palavras, não existe um direito constitucional que proteja a liberdade de imprensa como existe nos Estados Unidos ou nos Países Baixos. É claro que os repórteres franceses não são mortos a tiros nos elevadores dos apartamentos por revelarem os segredos por trás de uma guerra suja, ou mortos em seus bangalôs alugados por um grupo de radicais não disfarçados por terem defendido os direitos das mulheres desse país⁸ – apenas duas das inúmeras atrocidades cometidas contra os jornalistas do mundo por reportarem o que acreditam que as pessoas devem saber e os seus governos não lhes disseram. Mais uma vez, os repórteres franceses sabem em que lado político está a manteiga de sua baguete quando publicam uma peça no *Le Monde* ou *La Libertación*. Talvez criticar imprensas controladas pelo estado por esmagar verdades desagradáveis ou furar fatos condenatórios é ignorar a questão mais ampla de que, culturalmente falando, todos nós apenas valorizamos a verdade e o fato de maneira diferente.

A fricção causada na busca do jornalismo internacional comparativo é aliviada até certo ponto no Jornalismo Literário internacional comparativo. Tomemos, por exemplo, o comentário de Edvaldo Pereira Lima em sua história do Jornalismo Literário brasileiro: “A liberdade de expressão e a democracia são fundamentais para a prosperidade do Jornalismo Literário”. Embora indubitavelmente verdadeiro, o corolário da afirmação de que nações com imprensas controladas pelo estado não tiveram Jornalismo Literário não procede, como os autores Peiqin Chen, Sonja Merljak Zdovc e Soenke Zehle deixam claro em seus ensaios para este livro (ver nota 1). O Jornalismo Literário e reportagem literária foram igualmente produtivos em tempos de crises sociais e políticas que um dado governo quisesse ou não que seu corpo político conhecesse. Há exemplos impressionantes de como jornalistas de várias nações autocráticas têm contornado ditadores, juntas entrincheiradas e com caudilhos armados, para produzir peças que estão em pé de igualdade com as dos jornalistas literários de nações mais livres.

No Chile, por exemplo, Gonzalo Saavedra Vergara descreve como a imprensa chilena, antes e depois do cruel regime de Augusto Pinochet, usou o Jornalismo Literário como um bálsamo para curar as feridas políticas do país:

Todos os canais de televisão e jornais estavam sob controle. Mas havia uma série de revistas que tentavam investigar o outro lado da verdade oficial, e foram censuradas várias vezes. Nessas revistas, muitas vezes encontramos o melhor jornalismo escrito disponível [...] Entre as peças mais importantes desse período estão *Los zarpazos del puma* [As Garras da Puma] de Verdugo, sobre a chamada Caravana da Morte, um grupo de oficiais do exército que viajaram pelo país a bordo de um helicóptero Puma nas semanas que se seguiram ao golpe de Estado de Pinochet, em 11 de setembro de 1973, e executou mais de 120 opositores ao regime. O livro foi publicado em 1989 e, pela primeira vez, contou essa história com seus detalhes macabros - 16 anos depois de ter ocorrido! Nos anos que se seguiram ao retorno do Chile à democracia, os jornalistas começaram lentamente a fazer melhor o seu trabalho. Mas era uma tarefa difícil, porque muitos deles simplesmente não estavam acostumados a fazer perguntas difíceis, e os jornais ainda estavam sendo escritos na tradicional forma da pirâmide invertida.⁹

E na Romênia, Cristian Lupsa explica como o jornalismo sofreu sob o regime de Nicolae Ceausescu, mas seu Jornalismo Literário forneceu à nação uma tradição já existente que os jornalistas pós-regime poderiam construir:

O Jornalismo Literário romeno remonta, em grande parte, a Filip Brunea Fox, jornalista com um talento para a observação social, cujo trabalho nos anos 1920 e 1930 narrou a vida do invisível: de falsos mendigos e artistas de circo (como o homem mais gordo da Romênia) aos habitantes de uma colônia de leprosos nas margens do Danúbio. Apelidado de “o príncipe da reportagem”, Fox infundiu sua escrita com pedidos de justiça social. Um contemporâneo de Fox, Geo Bogza, é conhecido por reportagens de viagens. Os anos comunistas diluíram o Jornalismo Literário romeno, e os meios de comunicação dos anos pós-comunistas enfatizaram o melodrama e o excesso de opinião. Mais recentemente, algumas revistas assumiram a liderança na execução de peças narrativas mais detalhadas, nas quais a narrativa tem precedência sobre as observações pessoais do autor.¹⁰

A opressão tem alimentado a produção do Jornalismo Literário tanto quanto, senão mais do que, a liberdade. O direito de saber e contar algo é indiscutivelmente superado pela necessidade de ambos. Tendo sido negada a liberdade de expressar a verdade, jornalistas censurados simplesmente experimentaram técnicas literárias para expressar a verdade de maneiras subversivas. Certamente deve-se sentir impunidade para divagar como um Tom Wolfe ou para morder a mão que lê como um Norman Mailer. Vozes mais sutis, aquelas impulsionadas por subavaliação ou alusão, ao contrário do autoengrandecimento, são as marcas de um Jornalismo Literário internacional, como muitos dos ensaios deste livro argumentam. Uma maneira para esses jornalistas literários de contar suas histórias era chamar o fato de “ficção”, embora muitos leitores conhecidos entendessem que a peça estava trabalhando em dois níveis de verdade. Como escreve Merljak Zdovc, “a reportagem

analítica fotográfica não era possível” na Eslovênia controlada pelos comunistas, então os jornalistas “tiveram que adotar formas indiretas de comentar o estado atual das coisas, como disfarçá-las em histórias”. Esse tipo indireto de jornalismo/reportagem é potencialmente mais eficaz como arma sociopolítica do que a adoção de técnicas jornalísticas mais tradicionais, pois é precisamente sua qualidade literária que ajuda a entregar a verdade ao mesmo tempo em que contribui com certa quantidade de beleza para a peça.

A história ensinou muitas nações devastadas pela guerra a ter cuidado com aqueles que prometem falar a verdade, e séculos de guerras civis, pogroms e revoluções têm tornado muitos repórteres europeus, africanos, sul-americanos e asiáticos mais do que meros tímidos sobre a busca da verdade e denúncias. Talvez todos nós estejamos divididos pela história, passada e recente, e só isso nos une, assim como nossos esforços, para produzir um Jornalismo Literário que fala tanto ao neozelandês como ao escocês. Porém, sem um sentido compartilhado ou valor da verdade e da reportagem de imersão, como podemos esperar chegar a um acordo sobre um conjunto de regras ou características que regem o corpo do Jornalismo Literário internacional? Como tentei demonstrar aqui, a resposta é menos importante do que a própria questão. Qualquer que seja essa resposta, uma coisa é certa: a questão do Jornalismo Literário internacional não pode ser formulada a partir de uma única perspectiva.

2 Rumo a uma Definição sobre Jornalismo Literário Internacional

Quase todos os livros sobre Jornalismo Literário nos últimos 25 anos começaram, pelo menos, com uma introdução que define ou caracteriza o “Jornalismo Literário”. Este livro não será diferente, ainda que apenas pela razão de que o Jornalismo Literário internacional ainda precise estabelecer suas fronteiras. A Parte I estabelece o seguinte: abordar vários e resolver alguns dos problemas associados à definição de uma forma mais culturalmente vinculada do que a literatura e mais sensível do ponto de vista político do que do jornalismo, e que continua evoluindo mesmo enquanto escrevo estas palavras.

Uma primeira preocupação envolve determinar o que constitui o Jornalismo Literário internacional e o que não. Se os estudiosos do Jornalismo Literário anglo-americano têm lutado com esse problema há décadas e ainda não chegaram a um consenso, estamos logicamente muito longe de determinar o que torna um

Jornalismo Literário na Holanda negociável às formas espanhola ou portuguesa herdadas.

Uma razão para a diferença inevitável é que o Jornalismo Literário anglo-americano faz distinções claras entre a não ficção criativa, a reportagem literária e a escrita autoral, assim como a língua inglesa distingue entre os vários tons da cor amarela, como âmbar e ouro. O Jornalismo Literário internacional representado neste livro não faz distinções tão precisas pela simples razão de que muitas nações não desfrutaram de uma herança jornalística que contém exemplos lado a lado de reportagem literária, jornalismo narrativo, não ficção criativa e Novo Jornalismo, bem como os vários meios de comunicação para publicá-los. O que os estudiosos estadunidenses da forma consideram uma reportagem especial, pode aparecer na imprensa internacional como Jornalismo Literário, uma vez que ele também invade a pirâmide invertida e forneça uma voz narrativa. Num contexto internacional, aqueles que definem o Jornalismo Literário não podem ser perniciosos.

Com isso em mente, a Parte I deste livro é dedicada a definir o Jornalismo Literário internacional de forma ampla, fazendo-o sob vários ângulos interdisciplinares: histórico, pedagógico, geográfico, teórico e especulativo. O ensaio de John C. Hartsock (2000) sobre fertilização transnacional e intercultural do Jornalismo Literário abre o debate. Proporcionando uma história da reportagem literária russa e do Jornalismo Literário por meio de fontes alemãs, chinesas, assim como dos Estados Unidos pós-Primeira Guerra Mundial, Hartsock estabelece o problema que todos os autores enfrentam neste livro: a reportagem literária e o Jornalismo Literário são definidos sobretudo atualmente, a partir de como evoluíram e interagiram transnacionalmente, e não tanto a partir de como foram inicialmente percebidos. Essa “elasticidade” da forma tornou difícil rastrear as raízes do Jornalismo Literário. Como Hartsock escreve, “pode haver uma polêmica reportagem literária de natureza discursiva, uma reportagem literária narrativa-descritiva congelada na tendenciosidade da imagem distanciada do passado absoluto e uma reportagem literária narrativa-descritiva, muito parecida com o Jornalismo Literário estadunidense, que abraça o presente inconclusivo de um mundo fenomenal, fluido que concede possibilidades interpretativas livres ao autor e ao leitor”. Pode-se, então, usar os termos “reportagem literária” e “Jornalismo Literário” de forma intercambiável? Sim e não. Hartsock acrescenta que “a reportagem literária [europeia] e o Jornalismo Literário [estadunidense] são muito semelhantes quando ambos enfatizam modalidades narrativas e descritivas e evitam a

polêmica discursiva”. Além desses dois casos, a reportagem literária e o Jornalismo Literário diferem historicamente por razões políticas que não conseguem conciliar indefinidamente os pais ancestrais dos gêmeos.

Se Hartsock (200) mostra como a reportagem europeia e o Jornalismo Literário estadunidense tiveram vidas separadas apesar de seu DNA comparável, embora não exatamente idênticos, Jerry McKay questiona se um não é a prole do outro. Como muitas crianças indesejadas que emigram e desenvolvem uma identidade nova no ambiente do anfitrião, a reportagem literária inglesa derramou parte de seu passado polêmico e transformou-se em Jornalismo Literário. Ela floresceu porque o ambiente externo alimentou-a. No entanto, a reportagem no Reino Unido murchou e quase secou. McKay examina algumas das evidências dessa negligência, que inclui a dificuldade que os escritores tiveram em encontrar um mercado para suas reportagens, os problemas que os editores tiveram em categorizá-las e, como consequência, a dificuldade que os leitores potenciais tiveram em localizá-las nas prateleiras de bibliotecas públicas, universitárias ou livrarias. A discussão de McKay aborda aspectos da formação de cânones literários e o status do jornalismo como formação profissional e um objeto de estudo acadêmico no sistema de ensino superior do Reino Unido. Apesar das descrições sombrias, o ensaio conclui com a nota otimista de que líderes dentre os jornalistas britânicos acreditam que a reportagem literária pode desenvolver uma compreensão e comunicação entre pessoas de diferentes sociedades e nações, o que pode garantir seu futuro em uma Grã-Bretanha cada vez mais heterogênea.

Enquanto McKay explora o estado triste dos assuntos do Jornalismo Literário no Reino Unido, Bill Reynolds analisa como o elitismo geográfico continua a controlar a definição, criação e execução do Jornalismo Literário no Canadá. Trabalhos recentes da costa oeste daquela nação, e em particular por quatro escritores e um editor de Vancouver, sobressaem em contraste com as normas estabelecidas em Toronto, o epicentro da indústria de revistas canadense. A distância reforça essa visão totalmente diferente do que constitui o Jornalismo Literário – na formulação de ideias de histórias, no desenvolvimento de temas e nos pontos de vista. Vancouver, longe dos corredores do poder nacional, com sua confluência de “mar, céu e montanhas”, cria uma mentalidade variada em seus escritores. Nesse contexto, as histórias enfatizam viagens, línguas estrangeiras, um sentido de olhar para o exterior, e uma luta para entender a condição humana. Ao invés de entregar uma análise passo a passo de quem ganhou e – alimentando o contentamento¹¹ do leitor –

quem perdeu dinheiro ou poder, os jornalistas literários da Costa Oeste veem-se como parte de um contínuo que felizmente coloca Ryszard Kapu ci ski ao lado de *The Jungle*, Charles Bowden ao lado de *Don Quixote*.

O ensaio de David Abrahamson afasta o livro do taxonômico e do teórico para estabelecer uma metodologia na definição do Jornalismo Literário internacional. Vendo o Jornalismo Literário em um contexto mundial, seu ensaio apropria-se, como faz Reynold, de uma construção geofísica, mas, para propósitos puramente heurísticos, emprega-a para descrever um fenômeno global no Jornalismo Literário. Propondo a existência de um imaginário “Contrafeito Coriolis”¹², Abrahamson argumenta que, em geral, grande parte do que é celebrado como Jornalismo Literário ou narrativa não ficcional do Norte (tido como o Ocidente desenvolvido e industrializado) tende a ser escrito a partir de uma perspectiva que pode ser caracterizada como progressista, secular e reformista, enquanto os esforços de muitos escritores de não ficção similar do Sul (ou do mundo em desenvolvimento¹³) são muitas vezes conservadores e tradicionalistas. O ensaio especula sobre possíveis explicações para o fenômeno proposto e afirma que, num mundo cada vez mais interconectado, é provável e louvável que o efeito diminua.

Como Abrahamson, Norman Sims (2007) olha especulativamente para as tendências globais do Jornalismo Literário examinando os desafios específicos do Jornalismo Literário nos Estados Unidos da atualidade que poderiam ter ramificações no futuro da forma no exterior. Sims acredita que estamos em um novo ponto de virada na história da forma, pelo menos no Jornalismo Literário estadunidense. No entanto, os desafios podem ser mais econômicos do que literários. Enquanto alguns jornais estadunidenses e internacionais adotaram abordagens narrativas para a notícia, ainda são severamente limitados no tempo e no espaço, enquanto as revistas que têm sido uma morada tradicional para o Jornalismo Literário têm se interessado mais pelas análises políticas. Embora os avanços dos autores tenham encolhido, os livros continuam a ser um paraíso para o Jornalismo Literário. A Internet ainda não superou seus problemas com a extensão [do texto]¹⁴ e com a falta de remuneração financeira para os jornalistas literários. Apesar dessas dificuldades, Sims conclui de forma otimista que a posição do Jornalismo Literário na história parece tão segura quanto antes, e pode até estar se expandindo na Europa e na Ásia. O Jornalismo Literário continuou e continuará a fornecer a intimidade, a sutileza e a arte que precisamos para entender o mundo e nossos tempos.

Juntos, esses cinco ensaios representam esforços históricos,

pragmáticos e teóricos para estabelecer o que une o Jornalismo Literário internacional apesar de suas diferenças aparentemente irreconciliáveis. Indiscutivelmente, o que aproxima as formas internacionais de Jornalismo Literário permanece, por enquanto, mais no nível teórico do que pragmático, mas esses ensaios são a prova de que qualquer definição de Jornalismo Literário internacional deve ser suficientemente elástica para explicar suas variações culturais. Comparações usando padrões ou definições estadunidenses limitam nossa perspectiva sobre como as nações adquiriram o Jornalismo Literário e como seus ambientes moldaram sua produção e recepção ao longo do tempo. A Parte II aborda essa questão e examina mais detalhadamente as tradições dessas nações no Jornalismo Literário.

3 Tradições Jornalísticas

Metade do subtítulo do livro, *Tradições Jornalísticas*, tem como objetivo rastrear as histórias literárias globais e encontrar um terreno jornalístico comum. Como o jornalismo na América e na Europa evoluiu de tradições diferentes, é natural que seu Jornalismo Literário também o tenha feito. Mas o retrato de um Jornalismo Literário liderado pelos EUA e de uma reportagem literária produzida na Europa não é tão delimitado quanto se poderia pensar ou esperar. Como observamos anteriormente, as duas guerras mundiais forçaram as culturas europeias a evoluir num mundo dividido entre as superpotências estadunidense e a soviética. Certas tradições jornalísticas na Europa, que evoluíram antes de 1914 ou 1939, foram conseqüentemente alteradas e as imprensas da Europa Ocidental inclinaram-se chauvinisticamente, senão propagandisticamente, para os Estados Unidos, enquanto as nações da Europa Oriental foram forçadas a aceitar a *pravda* (verdade) controlada pelo estado da imprensa influenciada pelos soviéticos. O resultado foi que as formas de Jornalismo Literário de várias nações evoluíram de forma muito diferentes no século XX, mais do que se as guerras e o mundo dividido não os tivessem forçado a fazê-lo. Como evoluíram é tão interessante quanto onde.

A pesquisa no campo do Jornalismo Literário nos informou que, desde a dissolução do bloco soviético, cada vez mais nações, descobrindo ou redescobrimo uma certa liberdade de imprensa, engoliram a nova pílula jornalística e, semelhante à logorrea, cuspiram uma história após a outra que, referências históricas de lado, parecem como se

fossem todas escritas na década de 1960. A contracultura em estilo estadunidense, com seus ícones na música, na literatura e no Jornalismo Literário, parecia um antídoto apropriado para suas vidas impassíveis e controladas. Mas esta reverência pelo irreverente não é simplesmente o caso de um equivalente internacional a um estudante de graduação estadunidense que, ao descobrir os prazeres anárquicos de um Hunter S. Thompson, expressa, com ou sem propriedade, sua criatividade contra os poderes instituídos. Pois essas nações só *pareciam* jovens, dado que o governo comunista as havia anestesiado por 50 anos ou mais. Ainda assim, essas nações tinham tido uma tradição jornalística literária que remontava ao século XIX ou às primeiras décadas do século XX, uma tradição mais influenciada pelos jornalistas europeus do que pelos estadunidenses. Como vários dos ensaios nesta parte do livro postulam, muitas nações olharam para os Estados Unidos em busca de inspiração jornalística após o descongelamento político pela simples razão de que agora eles podiam.

Os seis ensaios na Parte II fornecem assim um panorama do Jornalismo Literário que evoluiu em três continentes ao longo dos mais de cem anos ou mais. No primeiro ensaio, Clazina Dingemans e Rutger de Graaf discutem o panfleto europeu como um Protojornalismo Literário que teve influência direta na reportagem posterior em estilo europeu. Desde o Renascimento, o panfleto tinha servido como principal meio de massa para o debate político e notícias locais na maioria dos países europeus. Eles escrevem: “Embora houvesse documentos que defendiam a neutralidade política, muitos jornais se envolveram com um partido político ou uma ideologia, servindo não tanto de plataforma de notícias objetiva, mas como indicador político, dizendo aos leitores o que pensar dos acontecimentos atuais e colocando a notícia em uma perspectiva ideológica mais ampla”. Os panfletistas usaram uma grande variedade de gêneros literários e dispositivos para transmitir suas mensagens políticas. No final do século XIX, no entanto, a proeminência do panfleto tinha sido retomada pelo florescente jornal. Muitas das técnicas e dos gêneros centenários de panfletagem encontraram seus caminhos nas colunas do jornal em mudança, enquanto diminuiu o uso de técnicas literárias e gêneros criativos em panfletos. Essa reinvenção de práticas jornalísticas centenárias, chamada atualmente de “remediação”, fornece a teoria básica deste ensaio, que explora o reparo do panfleto literário nos gêneros do jornal a fim de esclarecer a evolução histórica do Jornalismo Literário.

Como no panfleto holandês do século XIX, os jornais portugueses nesses primeiros dias de reportagem passaram por

uma remodelação que “ia desde o assombroso aumento do número de periódicos em circulação até os variados tópicos cobertos pelos jornalistas: debates políticos, eventos esportivos, assuntos internacionais e assim por diante”. Nas últimas décadas do século XIX, quatro jornalistas portugueses – Eça de Queirós, Batalha Reis, Ramalho Ortigão e Oliveira Martins – participaram dessa remediação ao importar o “novo” jornalismo popularizado por W. T. Stead e Henry Mayhew para o público lusófono em ambos os lados do Atlântico. Suas visões de Londres retratavam imagens e preocupações semelhantes aos dos jornalistas literários pioneiros da Inglaterra. Londres era uma cidade de horrores sociais e escuridão, de contrastes, uma imensa “Babilônia moderna”, citando Stead nas páginas da *Pall Mall Gazette*. Isabel Soares defende fortemente o argumento de que a mudança jornalística em Portugal já estava em andamento antes do contato com o “novo” jornalismo da Inglaterra fim de século. No entanto, também enfatiza a importância da influência transnacional no trabalho desses escritores portugueses sobre *como* aprenderam a fazer mudanças mais profundas por terem lido os jornalistas britânicos.

À semelhança do seu vizinho Portugal, que também viu sua imprensa livre pressionada por um regime totalitário na primeira metade do século XX, a Espanha, nos primeiros dias de reportagem, raramente imprimia evidências de notícias duras em seus jornais, preenchidos principalmente com peças literárias. Sonia Parratt explora como o jornalismo e a literatura na Espanha permaneceram aliados próximos por muitos anos, como muitos poetas e romancistas espanhóis fizeram a vida trabalhando em diários e mais tarde como jornalistas publicando não ficção. A ditadura de Franco, no entanto, destruiu a economia espanhola nos anos 1930 e as possibilidades de publicação ficaram escassas. Nos anos 1960, o Novo Jornalismo estadunidense injetou vida na imprensa espanhola e, hoje, o Jornalismo Literário na Espanha não somente evoluiu, mas floresceu. Ele inclusive ampliou sua influência a métodos mais tradicionais de redação de notícias e hoje é comum ler notícias de última hora sendo relatadas na imprensa espanhola em um estilo que costumava ser reservado às histórias interpretativas de maior envergadura. Graças à essa forma de escrita de notícias literárias ou “reportagização”¹⁵ em jornais espanhóis, os leitores estão encontrando histórias que contêm *insights* mais profundos e contextos mais detalhados do que meios de comunicação em massa, como a televisão ou a Internet, podem relatar.

Assim como foi necessária uma guerra civil na Espanha para despertar o interesse pelo Jornalismo Literário, a Segunda Guerra

Sino-Japonesa reacendeu a reportagem literária chinesa politicamente consciente. Embora a reportagem literária na China, *baogao wenxue*, tenha suas raízes no século XIX, a guerra efetivamente elevou a forma literária na década de 1930, quando foi vista como um meio para expor os males sociais no país e incitar as pessoas a tomar medidas contra eles. O ensaio de Peiqin Chen explora a evolução da reportagem literária na China do Movimento de Reforma de 1898 para o novo Movimento do Iluminismo dos anos 1980. Ao situar os principais clássicos da reportagem literária dentro de suas origens sociais, Chen argumenta que o desenvolvimento da reportagem literária chinesa floresceu em momentos de conflitos sociais acentuados. Ela aponta como a reportagem literária chinesa teve raízes alemãs e, em seguida, influências estadunidenses extraídas de Upton Sinclair e Edgar Snow. A reportagem na China teve que ter uma crista social, ela escreve – uma espada cortando os males da sociedade – porque à ficção chinesa faltava o pulso para realizar o feito por conta própria. Depois do período de declínio, a reportagem chinesa voltou a encontrar sua alma e se preparou para recuperar o lugar entre os mais respeitadas exemplos de letras chinesas.

As guerras civis e os períodos de ruptura social têm tido um imenso impacto no desenvolvimento do Jornalismo Literário na Europa, como aconteceu nos Estados Unidos. No caso do Brasil, a situação não é muito diferente. Edvaldo Pereira Lima examina como a sangrenta guerra civil do Brasil no final do século XIX precipitou a primeira produção em Jornalismo Literário da nação. Escrevendo como correspondente de guerra do jornal *O Estado de S. Paulo*, Euclides da Cunha capturou uma voz e um estilo literário que, alguns anos depois, distinguiria também os textos de João do Rio, que elevaram a *crônica* brasileira, um gênero local que misturou literatura e jornalismo, a níveis mais relevantes. O Jornalismo Literário, porém, nunca cresceu no país, em parte devido ao analfabetismo e aos regimes totalitários da nação. Como a contracultura invadiu os Estados Unidos na década de 1960, os mesmos anos trouxeram uma onda de não ficção no Brasil. Entre 1955 e 1960, sob a administração do presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, o Brasil viveu seu primeiro período completo de democracia generalizada, o que contribuiu de forma significativa para vários avanços no Jornalismo Literário. Essa liberdade foi de curta duração, no entanto, pois uma junta militar tomou o poder estatal em 1964. O Jornalismo Literário novamente lutou, mas os esforços da revista *Realidade*, por exemplo, influenciados pelo Novo Jornalismo estadunidense, desencadearam uma época de ouro do Jornalismo Literário brasileiro que o país está agora tentando recuperar.

As influências estadunidenses detectadas no Jornalismo Literário brasileiro dos anos 1960 também podem ser encontradas no Jornalismo Literário finlandês da mesma época. Como assinala Maria Lassila-Merisalo, jornalistas finlandeses emprestaram técnicas literárias da ficção ao longo dos tempos, mas o fizeram, se não inconscientemente, pelo menos de forma não sistemática. O ensaio distingue três fases no desenvolvimento do Jornalismo Literário finlandês durante o século passado. Na primeira fase, o jornalismo se profissionalizou e a reportagem foi um gênero que permitiu a presença forte de um narrador e do uso de técnicas de ficção. A segunda fase, em meados do século XX, foi o período de novos heróis, anti-heróis e contadores de histórias. Na década de 1980, ocorreu uma terceira fase, quando a cultura urbana e o jornalismo gonzo chegaram à Finlândia e inspiraram os jornalistas a se expressarem livremente. Se o Jornalismo Literário na Finlândia atual não liberou seu potencial, isso se deve principalmente à falta de treinamento formal dado aos escritores na produção do Jornalismo Literário, o que na Finlândia seria aceitável, dada a tradição do país do romance realista. Mas Lassila-Merisalo argumenta que o oposto provou ser verdadeiro: como a ficção finlandesa é muito baseada em fatos, tem havido pouco espaço para o Jornalismo Literário crescer.

Juntos, esses seis ensaios esboçam a paisagem do Jornalismo Literário e da reportagem literária como se desenvolveram em partes da Europa, na China e no Brasil. O retrato emergente de um Jornalismo Literário internacional mostra que os jornalistas, na maioria das vezes, se tornam literários quando suas nações estão em guerra, seja com os outros ou internamente. Como um bálsamo, a qualidade literária da escrita alivia a dor infligida pelos fatos jornalísticos entregues na peça ou no despacho, com o Jornalismo Literário emergindo como subproduto. Outra noção-chave aparente nesses ensaios é a importância dos empréstimos jornalísticos e literários transnacionais. Nenhum Jornalismo Literário ou reportagem literária nacionais (e eu argumentaria que isso inclui também os Estados Unidos) floresceu completamente de forma independente. Enquanto muitas nações tinham desenvolvido uma forma de Jornalismo Literário concomitante com os Estados Unidos ou a Inglaterra, a forma em cada uma dessas nações evoluiu, essencialmente, por meio de um processo de polinização intercultural. A Parte III examina mais especificamente os jornalistas literários individuais em todo o globo, a fim de estudar como sua reportagem foi influenciada por tradições jornalísticas além das suas próprias.

4 Influências transnacionais

A Parte III contém cinco estudos de caso de jornalistas literários (três homens e duas mulheres) de diferentes nações durante três décadas diferentes do século XX. Os diferentes climas e períodos de isolamento são amplas provas do alcance extenso do Jornalismo Literário no mundo das letras, mas também demonstram a influência que a reportagem de imersão teve ao longo do século passado em expor e, idealmente, corrigir certos males sociais. Cada um desses ensaios examina de perto a noção de influência transnacional explorada de forma mais holística na seção anterior do livro sobre as tradições jornalísticas literárias de nações selecionadas no último século. Individualmente contam histórias de escritores obcecados com a verdade e frustrados com o “estilo da casa” no qual deveriam supostamente relacioná-los. Juntos, relatam, de forma factual e detalhada, a necessária influência transnacional que o Jornalismo Literário tem exercido de uma nação à outra, à medida que os jornalistas se tornaram cada vez mais conscientes de seus destinos compartilhados em um mundo cada vez menor e numa disciplina que enfrenta desafios de estilos mais dominantes de jornalismo.

Nikki Hessel abre a Parte III descrevendo como Robin Hyde se tornou uma das figuras literárias mais significativas da Nova Zelândia na década de 1930, década formativa do cânone literário da nação. A carreira de jornalista de Hyde a colocou em contato com as obras de algumas das principais figuras do Jornalismo Literário, incluindo Upton Sinclair e George Orwell, cuja preocupação com os interesses dos desprivilegiados infundiu sua própria escrita. Entre sua produção jornalística, Hyde produziu reportagens de destaque, amiúde sobre o povo aborígene maori para a *New Zealand Railways Magazine*, entre 1935 e 1936, viajando pelo país e relatando suas experiências. Como outros textos literários seminais do final da década de 1930, caso do volume de poemas de Allen Curnow, *Not in Narrow Seas* (1939) e o romance de John Mulgan, *Man Alone* (1939), as histórias de Hyde responderam ao apelo crescente por uma identidade coerente e uma distinta literatura nacionais. Seu Jornalismo Literário de diferentes locais ao redor da Nova Zelândia tinha como objetivo lembrar as qualidades características da paisagem, do povo e da cultura de seu país, qualidades que foram reforçadas e aprimoradas pelo uso de uma voz e de um registro nitidamente locais. Hessel argumenta que Hyde contribuiu para a forma emergente do Jornalismo Literário da Nova Zelândia e do discurso sobre o que significava ser neozelandês.

As inclinações marxistas de Hyde não eram incomuns nos jornalistas literários da década de 1930, mesmo para aqueles que escrevem no hemisfério sul, como David Abrahamson argumenta em seu ensaio na Parte I. James Agee, cujo *Let Us Now Praise Famous Men* (1941) fez dele uma figura canônica do Jornalismo Literário estadunidense, também foi fortemente influenciado pelo pensamento marxista. William Dow explora como essas tendências políticas deram forma à visão e à voz de Agee, conforme expresso em duas de suas peças curtas à revista *Fortune*, “Saratoga Springs” (1935) e “Havana Cruise” (1937) – publicadas durante os mesmos anos que as peças ferroviárias de Hyde. Dow sinaliza a importância de ver Agee como um intelectual conscientemente tentando preservar o papel de crítico cultural contra o crescente poder da cultura de massa nos Estados Unidos dos anos 1930. Considerando-se em primeiro lugar um intelectual, e em segundo um jornalista, Agee foi pioneiro em novas formas de Jornalismo Literário que se baseavam em uma perspectiva observador-narrador, uma complexa relação leitor-narrador e explorações da natureza da classe social como indicador cultural. Dow sugere que a compaixão de Agee pelo sofrimento social e pela injustiça emergiu da sua própria vontade e compreensão dentro da politização peculiar dos anos 1930.

Hyde e Agee eram jornalistas literários que optaram por ser influenciados transnacionalmente pela ideologia marxista. Já na Eslovênia comunista, Željko Kozinc teve pouca escolha senão professá-la em seus textos. Sonja Merljaz Zdovc examina como Kozinc, escrevendo nas décadas de 1960 e 1970, poderia ter sido influenciado pelos Novos Jornalistas estadunidenses se estes tivessem sido traduzidos e disponibilizados ao público. Contudo, dadas as políticas nacionais contra o Ocidente, Kozinc teve que procurar influência nos escritores do Leste europeu. Dessa forma, descobriu Egon Erwin Kisch, um jornalista nascido em Praga.

Produções jornalísticas experimentando técnicas narrativas da ficção realista começaram a aparecer na Eslovênia no final dos anos 1960, época em que o próprio jornalismo começou a se tornar mais democrático no país. Contudo, durante muito tempo, jornalistas como Kozinc só puderam abordar o estado do país indiretamente, enquanto alguns dos jornalistas mais inovadores expressaram suas críticas e sua opinião sobre o sistema político em histórias. Com o auxílio das técnicas narrativas, disseram a seus leitores sobre as injustiças ou anomalias do sistema que tinham testemunhado. Apesar dos laços da mídia com a política, Kozinc foi capaz de fornecer jornalismo de qualidade aos seus leitores, evitando a censura. Nem

antes, nem depois desse período, no entanto, a imprensa eslovena publicou tantos escritos jornalísticos notáveis. Por consequência, Merljak Zdovc propõe que o Jornalismo Literário pode muito bem ser um caminho para a Eslovênia recuperar sua orientação jornalística.

Se Kozinc procurou suas influências no “leste”, a escritora australiana Helen Garner buscou-as no “oeste”, na *New Yorker*, em particular em Janet Malcolm e autores estadunidenses como Ernest Hemingway, F. Scott Fitzgerald e Raymond Carver. Mas a influência transnacional que ela tirou de Malcolm não a preparou para os problemas que enfrentou na escrita *long-form* de não ficção quando os sujeitos se recusaram a abrir-se em relatos imersivos. Como Willa McDonald demonstra em seu ensaio, a não ficção de Garner, *The First Stone: Some Questions about Sex and Power* (1995) e *Joe Cinque's Consolation: A True Story of Death, Grief and the Law* (2004), causou furor porque em ambos, Garner aplicou técnicas de ficção para tratar assuntos não ficcionais. McDonald examina as reações dos críticos acadêmicos ao Jornalismo Literário de Garner e propõe que este, apesar das falhas ocasionais em sua abordagem, tem uma voz única e válida em não ficção. McDonald argumenta que, se Garner tivesse sido devidamente treinada para escrever Jornalismo Literário e para entender a ética por trás dos relatos de imersão, ela não teria tido tanta repercussão negativa.

Helen Garner, é claro, não é a única a embelezar sua não ficção com detalhes imaginativos – um ponto tão controverso entre os estudiosos da forma que ele sozinho poderia ameaçar o futuro do Jornalismo Literário internacional. Talvez por essa mesma razão, o Jornalismo Literário tenha sido muitas vezes marginalizado como o filho bastardo da literatura e do jornalismo. Soenke Zehle examina outro célebre jornalista literário, Ryszard Kapu ci ski, e sua frustração com os limites da factologia, onde a fronteira entre reportagem jornalística e expressão literária é tão vaga quanto as frentes entre países em guerra. A obsessão de Kapu ci ski com as fronteiras e sua transgressão torna-se o foco de Zehle nessa peça filosófica sobre o jornalista polonês, um repórter que testemunhou guerras civis e revoluções, viajando livremente sobre a terra para cobrir a história. É “um ponto de encontro entre as diferentes formas de experiência” que fez Kapu ci ski como um para-raios da crítica jornalística contemporânea como Tom Wolfe e Hunter S. Thompson foram nos anos 1960 e 1970. Se reverenciado ou desprezado por seus colegas, Kapu ci ski, um polêmico e controverso escritor, continua a ser para muitos leitores ocidentais um dos melhores jornalistas literários que escreveu na segunda metade do século XX.

Cinco ensaios, cinco jornalistas literários, cinco tradições jornalísticas distintas e muitas vezes incongruentes. As tentativas de situá-las coletivamente sob a mesma rubrica parecem inúteis, pois suas diferenças superam largamente suas semelhanças. No entanto, demonstram a importância da evolução da forma no último século e ajudam a explicar a disseminação das tradições literárias e jornalísticas em todo o mundo. No momento em que parece que as autoridades tiveram sucesso em pisoteá-la em uma cultura, ela se torna oculta, se metamorfoseia e se enraíza em outra. O que cresce nos diferentes solos, em meio às novas mudanças microclimáticas, nunca é exatamente o mesmo que antes do deslocamento. Contudo, continua a se reproduzir em outros lugares, dando esperança suficiente que o Jornalismo Literário internacional, não importa como ou onde floresça, garantirá sua longevidade para o século vindouro.

5 O futuro dos estudos internacionais de Jornalismo Literário

Os 16 ensaios coletados neste livro – escritos *por* muitos dos principais homens e mulheres que trabalham no campo do Jornalismo Literário estudando *sobre* muitos dos principais homens e mulheres que produzem Jornalismo Literário no mundo todo – não são de maneira alguma heterogêneos, tanto na sua adoção de um Jornalismo Literário transcendental ou em sua descrição de como esse jornalismo chega em seu solo nativo. Para ser honesto, não pode haver tal livro escrito atualmente. E isso não é uma coisa ruim. Definir o Jornalismo Literário internacional em termos estritos seria transformar o que é essencialmente um processo orgânico, que está em constante fluxo, em um produto embalado. Por essa razão, os debates sobre os padrões internacionais de verdade, os conceitos do modo literário, o acesso aos fatos e o jornalismo objetivo versus fenomenológico arriscam-se a atolar o Jornalismo Literário internacional, e seu correspondente campo de estudos acadêmicos, em disputas institucionais a menos que um certo número de pactos sejam estabelecidos, dos quais humildemente ofereço três.

Primeiro, não devemos tratar o Novo Jornalismo como os Dez Mandamentos do Jornalismo Literário e analisar a produção do mundo de forma comparativa, já que muitas formas internacionais o precedem. Se for o caso, deveríamos criticar os jornalistas literários internacionais em relação ao manifesto de Wolfe, ainda que apenas

para demonstrar que um Jornalismo Literário europeu, africano ou asiático não é como um Jornalismo Literário estadunidense, o que, no entanto, avança o nosso entendimento e apreciação da forma.

Em segundo lugar, deveríamos parar de nos referir ao Jornalismo Literário como gênero (Connery, 1992) ou mesmo como forma (Sims, 2007; Hartsock, 2000) e começar a chamá-lo pelo que é: uma disciplina. Fazer isso nos levaria para além da visão de Ben Yagoda (1997, p. 13) do Jornalismo Literário como “termo profundamente confuso” e ajudaria a situá-lo ao lado da literatura e do jornalismo e seus respectivos campos de investigação. Como aponta Sonia Parratt, a própria noção de Jornalismo Literário é impossível de separar, uma vez que tanto a literatura quanto o jornalismo evoluíram a partir do mesmo princípio político de informar o público. Chamá-lo continuamente de gênero bloqueia o Jornalismo Literário em uma subcategoria de literatura, ao lado da poesia e do drama. Referir-se a ele como forma jornalística o espreme em algum lugar entre ficção e jornalismo. Sugerir que é uma subcategoria de não ficção perigosamente o alinha com a biografia, narrativas de viagem, análise política, história, estudos culturais e memórias, algumas das quais podem ser Jornalismo Literário, mas não o são por definição apenas. Erguer o Jornalismo Literário ao nível de uma disciplina instituiria uma moratória na barragem das definições e das defesas que impediram o avanço dos estudos na área e permitiram que os estudiosos internacionais trabalhassem junto, em igualdade, para promover sua disciplina, como fazem professores de literatura e professores de jornalismo frequentemente em congressos como a *Modern Language Association* (MLA) e a *Association for Education in Journalism and Mass Communication* (AEJMC), nos Estados Unidos, ou a *European Society for the Study of English* (ESSE), na Europa. A *International Association for Literary Journalism Studies* (IALJS) e suas muitas sociedades-irmãs em todo o mundo, tanto acadêmicas como profissionais, fizeram progressos consideráveis na realização desse objetivo, mas estamos muito longe de encontrar programas disciplinares de Jornalismo Literário do tipo oferecido na Universidade da Califórnia-Irvine sob a direção de Barry Siegel. Alcançar o status disciplinar certamente reduziria os problemas pedagógicos enfrentados pelo Jornalismo Literário internacional, como sublinhado aqui por McKay, Parratt, Lassila-Merisalo e Merljak Zdovc.

Finalmente, devemos parar de nos preocupar com a legitimação do Jornalismo Literário ou dos estudos de Jornalismo Literário, no âmbito tanto da indústria editorial quanto da academia. A contínua pesquisa sobre a história e a prática do Jornalismo Literário em todo o mundo servirá

para criar essa legitimação, assim como o mercado que o Jornalismo Literário e os estudos de Jornalismo Literário necessitam intensamente. Livros sobre sexualidade foram tradicionalmente perdidos entre os muitos títulos catalogados sob sociologia e antropologia, mas uma vez que os estudos de gênero mostraram seus músculos acadêmicos, os estudos LGBT¹⁶ encontraram espaço na própria prateleira. A produção constante de críticas vigorosas, teoria e pedagogia acabarão por reunir o Jornalismo Literário que existe agora e criar o nicho da disciplina na Waterstone ou na Barnes & Noble. Em suma, temos que parar de escrever manifestos de definição que mostram que o Jornalismo Literário carece de coesão, assumir a disciplina nós mesmos, conduzir a pesquisa que precisa ser conduzida e esperar que o restante nos alcance. Eles vão, eventualmente. Este livro está apostando nisso.

* Tradução do artigo: Tadeu Rodrigues Luama, Universidade de Sorocaba, Brasil

** Edição: Monica Martinez, Universidade de Sorocaba, Brasil

*** Revisão: Leila Gapy, Universidade de Sorocaba, Brasil

NOTAS

- 1 Esse ensaio, agora revisto foi originariamente publicado como introdução ao livro *Literary Journalism across the Globe: journalistic traditions and transnational influences*, coeditado com Bill Reynolds (Amherst and Boston: University of Massachusetts Press, 2011).
- 2 A discussão sobre Jornalismo Literário na África, que não figura nessa coleção, é rica em possibilidades e oferece para um estudioso aventureiro uma abundância de material a ser trabalhado.
- 3 Matthew Stretcher contesta que os jornalistas literários japoneses emergiram no Japão nos anos 1980 e 1990 como uma “imprensa de oposição” à mídia japonesa, que conspirou para engendrar e manter a metanarrativa do Japão como uma “sociedade pacífica, estável e próspera”, e que (tem) “suporta(do), em vez de critica(do), o *status quo* da sociedade.” - Matthew C. Stretcher, “Who’s Afraid of Takahashi O-Den? ‘Poison Woman’s Stories and Literary Journalism in Early Meiji Japan”, *Japanese Language and Literature* 38 (2004): 26. Se o Japão utiliza o termo “Jornalismo Literário” segundo a

definição da Associação Internacional de Estudos do Jornalismo Literário (IALJS), a Argentina mantém o entendimento britânico do Jornalismo Literário como discurso crítico sobre a literatura publicada em jornais (o que é comumente referido como criticismo literário). Veja, além de Stretcher, Francine Masiello, “Argentine Literary Journalism: The Production of a Critical Discourse”, *Latin American Research Review* 20.1 (1985): 27-60.

- 4 Nenhum trabalho acadêmico escrito em inglês até então visa o Jornalismo Literário como ele é praticado, pensado e estudado ao redor do mundo. Contudo, alguns livros trataram o Jornalismo Literário (sua história, seus praticantes e seu estudo) além do fenômeno anglo-americano. Uma coleção de ensaios sobre Jornalismo Literário fora do contexto estritamente estadunidense é *The Journalistic Imagination*, editado por Richard Keeble e Sharon Wheeler (2007), mas examina quase exclusivamente autores britânicos (um capítulo é dedicado ao *New Journalism* estadunidense) e adere ao uso britânico de Jornalismo Literário como “jornalismo *sobre* literatura”. Charles Laughlin (2002) é um exemplo de um estudo extenso sobre Jornalismo Literário num contexto internacional. E Ian Jack (2006), tem sido proativo em publicar Jornalismo Literário internacional, assim como o *Lettre Ulysses Award* foi (e talvez algum dia será novamente) instrumental em recompensar Jornalismo Literário internacional do mais alto nível.
- 5 Cheka foi a primeira das organizações de polícia secreta da União Soviética. Ela foi criada por um decreto emitido em 20 de dezembro de 1917, por Vladimir Lenin (nota do tradutor/editora).
- 6 No decorrer desse livro, termos-chave estrangeiros – assim como títulos de livros, periódicos, jornais, ensaios e histórias – foram reproduzidos em suas linguagens originais. As traduções de títulos estrangeiros, contudo, são fornecidas em referências subsequentes quando existe uma tradução publicada em inglês (exceto no caso de nomes de jornais, que são considerados aqui como substantivos próprios).
- 7 Jornalismo investigativo especializado na cobertura de casos de corrupção política e econômica (nota do tradutor/editora).
- 8 Lembramos que a introdução foi escrita em 2011, portanto antes do atentado terrorista perpetrado contra o jornal satírico francês *Charlie Hebdo* em 7 de janeiro de 2015, que causou a morte de 12 pessoas (nota da editora).
- 9 Gonzalo Saavedra Vergara, e-mail pessoal, 11 de novembro de 2008.

- 10 Cristian Lupsa, e-mail pessoal, 8 de janeiro de 2009.
- 11 No original, em alemão, *schadenfreude*.
- 12 Descoberto pelo engenheiro francês Gustave-Gaspar Coriolis (1792-1843), o efeito ou força Coriolis é um sistema de rotação por meio do qual corpos em movimento, quando vistos por um observador no mesmo referencial, aparecem como estando sujeitos a uma força perpendicular à direção do seu movimento (nota da editora).
- 13 Na atualidade, a noção “mundo em desenvolvimento” tem sido substituída por “Sul Global” (Global South), uma vez que essa divisão norte-sul, do ponto de vista socioeconômico e político, não traz embutido um juízo depreciativo de valor (nota da editora).
- 14 No caso brasileiro, contudo, há exemplos que questionam essa afirmação. Estudo sobre a produção da jornalista literária Eliane Brum em 2010 para o portal da *Revista Época* apontou a existência de colunas de quase 50 mil caracteres, um montante considerável sob qualquer ponto de vista, incluindo o da Internet onde foi divulgado. Por outro lado, a alegação referente à remuneração procede no caso, uma vez que nesse espaço a jornalista pouco fez reportagens, gênero pelo qual é mais conhecida, dedicando-se a escrever resenhas e realizar entrevistas, entre outros. Ver Martinez (2014).
- 15 No original, “reportagization”, termo que não é empregado no Brasil (nota da editora).
- 16 Acrônimo de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros.

REFERÊNCIAS

Applegate, E. (1996). *Literary Journalism: A Biographical Dictionary of Writers and Editors*. Westport, Conn.: Greenwood Press.

Connery, T. B. (ed.). (1992). *A Sourcebook of American Literary Journalism: Representative Writers in an Emerging Genre*. Nova York: Greenwood Press.

Hartsock, J. C. (2000). *A History of American Literary Journalism: The Emergence of a Modern American Form*. Amherst: University of Massachusetts Press, 2000.

Keeble, R. (2007). Introduction: On Journalism, Creativity and

the Imagination. In: R. Keeble e Wheeler (eds.), *The Journalistic Imagination* (pp. 9-11). Routledge, 2007.

Jack, I. (2006). *The Granta Book of Reportage* (3ª ed). Londres: Granta Books.

Laughlin, C. (2002). *Chinese Reportage: The Aesthetics of Historical Experience*. Durham: Duke University Press.

Lounsberry, B. (1990). *The Art of Fact: Contemporary Artists of Nonfiction*. Nova York: Greenwood Press,

Martinez, M. (2014). O jornalista-autor em ambientes digitais: a produção da jornalista Eliane Brum para o portal da Revista Época. *Comunicação Midiática*, 9 (1), pp. 56-77.

North, J. (1935). Reportage. In: Henry Hart (ed.), *American Writer's Congress* (pp. 120-123). Londres: Martin Lawrence.

Sims, N. (2007). *True Stories: A Century of Literary Journalism*. Evanston: Northwestern University Press.

Yagoda, B. (1997). Preface. In: Kevine Kerrane e Ben Yagoda (eds.), *The Art of Fact: A Historical Anthology of Literary Journalism* (pp.13-14). Nova York: Simon and Schuster.

John S. Bak, PhD, é professor da Université de Lorraine na França e presidente fundador da Associação Internacional de Estudos do Jornalismo Literário. Possui diploma da Universidade de Illinois, da Ball State University e da Sorbonne em Paris. Foi Visiting Fellow na Harvard University (2011), Columbia University (2013), Universidade do Texas em Austin (2014) e University of Oxford (2014-16). Seus livros editados incluem *Literary Journalism across the Globe: journalistic traditions and transnational influences*, coeditado com Bill Reynolds (Amherst and Boston: University of Massachusetts Press, 2011), cuja introdução é apresentada aqui. E-mail: john.bak@univ-lorraine.fr.

RECEBIDO EM: 04/05/2017 | ACEITO EM: 22/07/2017